

---

# Boletim

## CEAPIA

Ano XXVI  
Número 32  
Outubro 2022



## Direção 2022-2023

### PRESIDENTE

Anelise Mariath Rechia

### VICE-PRESIDENTE

Patrícia Jane Cohn

### SECRETÁRIA

Gabriela Souza da Luz Bortoluzzi

### DIRETORA ADMINISTRATIVA

Ana Marta Santos Monteavaro

### CODIRETORA ADMINISTRATIVA

Luciane Manganelli de Jesus Kurtz

### DIRETORA DE ENSINO

Ana Luiza Masiero Bittencourt Berni

### CODIRETORA DE ENSINO

Letícia Garcia Orengo

### DIRETORA DE ATENDIMENTO

Clarissa Zavagna Gralha

### CODIRETORA DE ATENDIMENTO

Elisa Rigon Forster

### DIRETORA CIENTÍFICA

Vanessa Giaretta

### CODIRETORA CIENTÍFICA

Fernanda Porto da Silva

### DIRETORA DE PESQUISA

Luciane Rombaldi David

### CODIRETORA DE PESQUISA

Helena da Silveira Riter

### DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Júlia Homrich Jaskulski

### CODIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Aline Loureiro Bruschi

### EDITOR REVISTA PUBLICAÇÃO CEAPIA

Felipe Daniel Detoni

## Comissões

### COMISSÃO DE ENSINO

Ana Luiza Masiero Bittencourt Berni (diretora de ensino), Letícia Garcia Orengo (codiretora de ensino), Paula Kern Milagre, Luciana Gouvêa Oliveira, Ana Rita Taschetto, Elisa Rigon Forster, Clarissa de Melo Leonardi Padilla, Magali Fischer

### COMISSÃO DE CURRÍCULO

Ana Luiza Masiero Bittencourt Berni, Letícia Garcia Orengo, Lisiane Milman Cervo, Alice Bugin, Magali Fischer, Ester Litvin, Elisa Rigon Forster, Clarissa de Mello Leonardi Padilla

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Vanessa Giaretta (diretora científica), Fernanda Porto da Silva (codiretora científica), Alberto Fonseca Kerber, Ana Carolina Mello Pechansky, Fernanda Chwartzmann Halpern, Julia Costa Foster, Maria Luiza Goulart Piccinini

### COMISSÃO DE PESQUISA

Luciane Rombaldi David (diretora de pesquisa), Helena da Silveira Riter (codiretora de pesquisa), Carlos Eduardo Loureiro Xavier, Luísa Feijó Pinheiro Mello, Roberta Iankievich Golbert

### COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Júlia Homrich Jaskulski (diretora de divulgação), Aline Loureiro Bruschi (codiretora de divulgação), Ana Paula Timm Krolow, Eduarda Berao Pires Pereira, Joana Bragaglia Zuanazzi

### COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA

Felipe Detoni (editor da Revista), Cristina Lessa Horta (coeditora da Revista), Helena da Silveira Riter, Roberta Stefanini Machemer, Rodrigo Gabbi Polli

### COMISSÃO DO BOLETIM

Laura Marazita Lotti, Roberta Iankievich Golbert, Ana Carolina Mello Pechansky, Carolina Riter, Viviane Valmorbidia



# Queridos leitores, sejam bem-vindos!

Este ano decidimos trazer uma proposta diferente em nosso periódico anual, direcionando-o para o público interno da nossa instituição. A ideia é de que o Boletim possa ser um instrumento de troca de conhecimentos entre os membros do CEAPIA, podendo mostrar um pouco do que se está estudando, discutindo e pensando dentro da instituição. Dessa forma, há algumas novidades em relação às edições anteriores, como um espaço destinado aos grupos de estudos que estão acontecendo e um texto sobre o atendimento de musicoterapia, modalidade que o CEAPIA incluiu recentemente dentro da ambientoterapia. Além disso, contamos com os setores, já tradicionais nesta publicação, falando sobre o que estão trabalhando, que

conceitos estão estudando e que situações clínicas estão chamando sua atenção neste ano. Temos também um trecho de uma entrevista do convidado da nossa Jornada de 2022, o psicanalista Bernardo Tanis, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em que ele relata um pouco de sua trajetória e dá uma prévia dos temas que serão pensados durante nosso encontro nos dias 28 e 29 de outubro.

A publicação do Boletim marca um ciclo nosso de trabalho que se encerra e um ano que se aproxima do seu final. A nossa comissão teve algumas mudanças esse ano, com a saída da nossa antiga coordenadora Camila Martinez e com a entrada da colega Roberta Golbert para coordenar junto com a Laura Lotti. Recebemos

**BOLETIM CEAPIA**  
Ano XXVI / Nº 32 / Outubro 2022

também uma nova integrante na nossa equipe, a fonoaudióloga Carolina Riter, que nos enriqueceu com o seu olhar de uma área de formação diferente da nossa. Ana Carolina, Carolina e Viviane, queridas colegas da comissão, obrigada pela dedicação e parceria!

Gostaríamos de agradecer também o apoio da Direção do CEAPIA ao aceitar nossa nova proposta para o Boletim.

Esperamos que esse espaço de trocas seja proveitoso para todos! Boa leitura!

**Laura Lotti e Roberta Golbert**



## Sumário

**04** Palavra da Presidente

**05** A metapsicologia de Freud nos destinos das pulsões

**05** A formação da subjetividade

**06** A adolescência e suas vicissitudes

**06** Grupo de discussão clínica

**07** Neurociências e desenvolvimento infantil

**07** A clínica criativa

**08** O corpo e a ambientoterapia

**09** Musicoterapia

**10** Desafios no campo da adoção

**11** A (in)discriminação pais-filhos e o exercício da parentalidade

**11** Científica

**12** Entrevista

**14** Uma breve visão de casos graves

**15** A psiquiatria e a serotonina

**15** O impacto da pandemia na aprendizagem e o atendimento psicopedagógico

**16** Triagem

**16** Núcleo de estudantes

**17** Psicodiagnóstico

**18** Intervenções precoces

**19** CEAPIA Social

**19** Você sabia?

**20** Estágio

**20** Comunidade

**21** Um encontro transforma(dor): narrar, compartilhar e elaborar

**21** Crises de desenvolvimento e recursos familiares

**22** Serviços



## Palavra da Presidente

Queridos associados, foi com muita satisfação que assumi a presidência da nossa instituição, ao lado da minha amiga e colega Patrícia Cohn e de uma equipe que me encanta a cada dia pela dedicação, competência e parceria.

À gestão 20/21 coube atravessar um período totalmente desconhecido e assustador que atingiu o mundo com a pandemia da covid-19, e o fez de forma cuidadosa, sensível e com um olhar para o futuro. Com investimentos em tecnologia, conseguiram manter nosso CEAPIA funcionando, pacientes sendo atendidos, seminários, cursos e reuniões acontecendo e salas telepresenciais preparadas para o retorno pós pandemia.

Nossa equipe chega justamente no momento da retomada, com muito entusiasmo, disposição, resgates e desafios pela frente. Recebemos nossos colegas em seminário e coordenadores com muito carinho e saudade. Parece incrível pensar que ficaríamos tão emocionados com o que sempre fez parte de nossas vidas: encontros ao vivo! Reencontrar “frente a frente” nossos colegas e colaboradores e caminhar na nossa casa CEAPIA foi especial.

O primeiro paradoxo encontrado na nossa gestão foi buscar o reequilíbrio econômico e ao mesmo tempo investir para atender as demandas do mundo atual. Buscamos aliar tecnologia, para alcançar pessoas dos mais variados lugares e colegas sem possibilidades para estar presencialmente na instituição, com um espaço acolhedor, confortável, que nos permita promover eventos, cursos, reuniões e jornadas num formato híbrido. Nosso novo auditório está a caminho. Aguardem, sabemos que obras trazem alguns transtornos e contamos com a colaboração de todos, mas seremos recompensados!

Nossa Jornada este ano será realizada de forma híbrida no nosso Auditório e, conforme vem sendo anunciado, contaremos com o convidado especial Bernardo Tanis, com um tema muito atual e que tem habitado nossa prática: “A clínica do trauma narcísico-identitário: caminhos da simbolização”. Estaremos juntos, de forma virtual ou presencial.

Outro ponto importante sobre o qual estamos nos debruçando e estudando diz respeito à reestruturação de algumas questões referentes aos atendimentos em nosso Ambulatório. A crescente demanda de pessoas em busca de atendimento em nossa instituição impõe a busca por novas formas de equalizá-la com a disponibilidade de terapeutas.

Estamos trabalhando com muito amor pelo nosso CEAPIA! E, como ele é de todos nós, queremos que vocês saibam que ideias, críticas, sugestões e a participação de todos serão sempre bem-vindas. Gostaria de aproveitar o espaço para agradecer o apoio e cooperação de muitas pessoas na nossa gestão, minha querida equipe diretiva, suas maravilhosas comissões e nossos incansáveis colaboradores que ligam as gestões e tanto nos auxiliam. Muito importante também tem sido o apoio e carinho do nosso Conselho, que com conhecimento de toda nossa história vem nos acompanhando de perto.

Por fim, teremos muito a compartilhar pelos próximos tempos, mas agora, gostaria de deixar aqui um convite expresso a cada um de vocês: depois de 2 anos sem nossa tradicional festa de final de ano, aguardamos todos para um “reencontro” especial no dia 09 de dezembro. Aguardem mais informações!

Um grande e carinhoso abraço a todos.

**Anelise Mariath Rechia**



## A metapsicologia de Freud nos destinos das pulsões

GRUPO DE ESTUDOS

Freud apresentou ao mundo a psicanálise, uma ciência que desafiou paradigmas vigentes. Em sua base, repousa a descoberta do inconsciente dinâmico, a descrição de um aparelho psíquico que se estrutura e se desenvolve a partir de conflitos entre diferentes demandas pulsionais.

Há conflito já no ato do nascimento, que representa para o bebê uma ruptura entre sua experiência de satisfação plena no útero materno e o mundo externo, repleto de estímulos que o desestabilizam, impactos que ocasionam angústia e sensação de desamparo. O novo ambiente inaugura um estado de tensão mental e exigências de trabalho. O bebê tentará resgatar a paz que perdera e se livrar da angústia, desejo que permanecerá ativo no inconsciente

e que se manifestará na tendência do aparelho mental de se manter no menor nível de tensão possível. Ao longo do desenvolvimento, o psiquismo vai ampliando sua complexidade: cada experiência gera traços mnêmicos capazes de influenciar na resolução de conflitos. A metapsicologia estuda esses fenômenos.

O termo *metapsicologia* foi forjado por Freud, visando a dar uma dimensão filosófica à teoria. Nela, os processos psíquicos são abordados a partir de *três perspectivas*: o nível *tópico*, que trata da sua localização na mente, o aspecto *dinâmico*, que busca entender suas motivações inconscientes e o ponto de vista *econômico*, que avalia os processos de distribuição de energia na mente. A compreensão desses três registros

– e de sua inter-relação – permite uma visão mais ampla dos fenômenos psíquicos e nos oferece um modelo de pensamento.

Para finalizar, compartilhamos uma reflexão sobre a cultura atual, em que há alta incidência de crimes violentos. Isso sugere falhas na internalização de interditos, na estruturação de limites/barreiras. Tais falhas são, em geral, aliadas a uma supremacia do desejo do eu e a um desprezo ao valor do outro. É possível elaborar uma hipótese metapsicológica para buscar entender mais sobre essa realidade?

*Suzana Iankilevich Golbert (coordenadora), Claudine Brunstein, Daniela Cansi, Letícia Zavaschi e Viviane Valmorbida.*



## A formação da subjetividade

GRUPO DE ESTUDOS

O grupo iniciou em 2016 no CEAPIA com o objetivo de estudar “A formação da subjetividade” à luz das ideias de autores contemporâneos e clássicos.

Iniciamos com a leitura de Piera Aulagnier. Concebendo a formação do Eu a partir do encontro entre o bebê e sua mãe ou cuidador inicial, a autora descreve o percurso desde os pictogramas sensoriais até chegar o próprio bebê ser capaz de se enunciar. Entusiasmados com a atualidade dos livros desta autora clássica para a compreensão da clínica atual com crianças e adolescentes, a seguir passamos à leitura de um psicanalista contemporâneo. Giuseppe Civitarese nos aproximou da experiência

estética como um paradigma daquilo que é mais verdadeiro para o humano. Auxiliados por sua ideia de que o inconsciente é uma função da personalidade e pelo conceito de abjeção, de Julia Kristeva e de que o inconsciente é uma função da personalidade, nossa visão acerca da formação da subjetividade foi se tornando ainda mais contemporânea. Para compreender melhor os conceitos de impacto e conflito estético, optamos estudar o pensamento de Donald Meltzer, para quem o impacto do encantamento pela beleza do rosto da mãe e da capacidade do bebê de tolerar seus mistérios vai fazendo-o avançar em direção à complexidade psíquica. Neste próximo semestre, pensaremos a subjetividade a partir

de como o filósofo contemporâneo Byung Chul-Han a descreve em *A sociedade do cansaço*.

Unidos pela diversidade enriquecedora de opiniões entre nós, seguimos cada vez mais integrados por uma identidade de grupo de psicoterapeutas de crianças e adolescentes curiosos por compreender os modelos metapsicológicos da formação da mente e de uma de suas manifestações: a subjetividade.

*Cátia Olivier Mello (coordenadora), Ana Marta Monteavaro, Bruno Fagundes Sperb, Elisa Foster, Maria Cristina Bressani, Patrícia Cohn, Valéria Rocha e Viviane Botelho Amaro da Silveira.*



## A adolescência e suas vicissitudes

### GRUPO DE ESTUDOS

Podemos considerar que o conceito de adolescência é bastante recente. O termo foi criado pela cultura ocidental no final do século XIX, mas somente depois do século XX veio a ser definido como uma fase do desenvolvimento humano. Ainda hoje revisamos suas mudanças através dos tempos. Sabemos que as transformações da puberdade são universais e visíveis, mas as alterações cognitivas, sociais e de perspectiva de vida envolvidas nessa fase biopsicossocial são bem mais complexas.

O impacto da adolescência nas famílias pode ser intenso, evidenciando o caráter traumático do final da infância não apenas no jovem, mas também nos pais. Uma vez mobilizados pela evidência do crescimento dos filhos e a dificuldade de enfrentar seu próprio processo de amadureci-

mento, os pais podem cristalizar em um funcionamento “adultescente”, borrando as fronteiras geracionais, a noção de alteridade, fenômeno que pode vir a ser um complicador para o processo de elaboração da adolescência do filho. Neste intenso jogo de identificações e desidentificações, revivência e reativação de conflitos, entre confrontações e desafios, o jovem tem como principal tarefa a formação da noção de si, da identidade (dentre tantas outras).

Compreendendo que o CEAPIA é uma instituição de referência no atendimento, estudo e pesquisa da adolescência, o grupo de estudos sobre adolescência inaugurou suas atividades em março de 2022. É uma

atividade aberta para sócios e não sócios da instituição, estudantes e profissionais. Tem como objetivo estudar as características do desenvolvimento típico na adolescência, abordando o fenômeno desde uma perspectiva histórica, social, cultural, física e, principalmente, emocional; transitando por autores clássicos e contemporâneos que discutem o tema, o grupo se apoia em livros e artigos, também buscando referências nas artes (em suas diversas expressões), costurando com a prática clínica dos participantes do grupo.

*Maria Cristina Bressani (coordenadora), Ana Vitoria Alves, Carlos Eduardo Xavier, Daniela Cansi, Debora Laks, Fernanda Halpern, Flavia Duarte Corazza, Gabriela Tomazeli, Maria Cristina Petersen e Mayara Sander.*

## Grupo de discussão clínica

O Grupo de Estudos de Discussão Clínica é um espaço de reflexão que tem como ponto de partida situações clínicas aleatórias, que, de algum modo, demandam o aprofundamento de um pensar analítico. Esse ocorre nas quartas-feiras das 13h50 às 15h, na modalidade online e é destinado ao público interno da instituição, entre eles os estagiários que estão vinculados ao Núcleo de Estudantes.

O aprendizado é “circular” entre as participantes, ou seja, todas se enriquecem das experiências compartilhadas, sem ter o objetivo de ser uma supervisão nos parâmetros que conhecemos. Deste ponto de vista, realizamos exercícios clínicos que podem acontecer com base em relatos dialogados ou narrados de uma sessão, além do uso de materiais gráficos dos pacientes ou recursos que o grupo se dispuser a criar. Através do nosso estudo, percebemos o constante encontro com sujeitos atravessados por experiências traumáticas (perdas precoces, lutos pa-

tológicos, abusos de todas as ordens entre outras). Estes trazem, frequentemente, o sofrimento psíquico no corpo, o que nos indaga sobre a técnica com estes pacientes de funcionamento primitivo, desafiando nossa capacidade de contenção. Nestes processos terapêuticos, segundo Tanis<sup>1</sup> (2009), existem “aspectos simbolizantes de uma trama psíquica aberta” algo ainda a ser tecido, no aqui-agora das sessões, entre paciente e terapeuta (p.48). No grupo seguimos, de modo equivalente, na costura de ideias e produção de novos sentidos!

*Luciana Grillo e Fernanda Matte (coordenadoras); Claudine Genovese, Gilvania Vieira, Liliana Cardoso e Rafaela Vasconcellos (integrantes).*

1. Tanis, B. (2009). Especificidades no processo de elaboração do luto na adolescência. *Revista Brasileira de Psicanálise de São Paulo*, Vol. 43, nº 3 (p. 39-50).



## Falando sobre neurociências

### GRUPO DE ESTUDOS NEUROCIÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Nossa área de trabalho – o desenvolvimento infantil – provoca intensa necessidade de compreensão dos complexos processos responsáveis pela nossa (humana) capacidade de sentir e pensar, com infinita subjetividade: nosso aparelho psíquico, em sua realidade neuronal.

E as teorizações psicanalíticas sobre a importância determinante dos fenômenos precoces inter-relacionais como bases responsáveis, desde a resiliência, quanto para as diferentes patologias de déficit, ampliam a possibilidade de hipóteses de integração – que podem repercutir também na ampliação de recursos técnicos capazes de mobilizar e transformar as falhas precoces.

As ideias de Anne Alvarez, unindo sua vasta experiência clínica à abertura para o conhecimento de pesquisas em neurociências constituem um roteiro seguro e produtivo.

Foi a partir de seu modelo que nosso grupo se dispôs ao prazer e ao esforço de reunir conceitos e embarcar na aventura de encontrar os nexos possíveis entre a clínica (desde o resultado dos psicodiagnósticos) e conceitos tão diversos, propostos por diferentes autores,

como a importância precoce do funcionamento do hemisfério direito, pré-verbal, em relação ao hemisfério esquerdo – de dominância verbal (Allan Shore), com o conceito de regulação ou desregulação do self; a teoria de Panksepp sobre o desenvolvimento afetivo (Arqueologia dos Afetos, considerando estudos sobre animais); os neurônios-espelho e sua repercussão sobre a empatia (Rizolatti e Gallese).

Eric Kandel, prêmio Nobel de Medicina de 2000 por ter descoberto os mecanismos neurais responsáveis pela formação das memórias, diz: “o inconsciente não está nos olhos que miram nem no córtex occipital que recebe o estímulo óptico, nem sequer no coração acelerado, mas na rede neuronal de significações que tal percepção dispara”.

Fazer o caminho incerto das hipóteses, com o cuidado exigido por André Green, implica em exercícios continuados de consilência – com o objetivo único de ampliar nossa própria capacidade associativa – nosso instrumento de trabalho para a relação terapêutica.

*Norma Escosteguy (coordenadora).*

## A clínica criativa

### CLUBE DE LEITURA

Em geral ficamos um pouco constrangidos ao falar da criatividade ou da arte quando estamos tratando de um assunto ligado ao trabalho. Como se estivéssemos lidando com dois mundos imiscíveis, polarizados como a noite e o dia. Este texto pretende afirmar que a vida e a psicanálise são sentidas de forma mais intensa e verdadeira nos amanheceres e nos crepúsculos. Pretendo partir da ideia que nosso trabalho tem muito mais a ver com a arte do que com a técnica pura.

Podemos então fazer uma primeira pergunta que nos abre para algumas reflexões: **pode a Clínica não ser**

**criativa?** Poderíamos pensar em uma clínica exclusivamente medicamentosa, que seguisse os procedimentos rigorosamente mais atuais e comprovados em evidências. Mesmo assim, a criatividade seria exigida em muitos momentos. Por exemplo, se o paciente se recusasse a tomar estes remédios.

No outro extremo está a clínica que tem por fundamento central a própria criatividade, como é o caso daquela inspirada em Winnicott, que busca operar no espaço transicional, que tem por objetivo auxiliar o paciente a ter um viver criativo. ➤

**A arte sempre serviu de fonte de inspiração para a psicanálise, porque ambas partem da essência íntima do humano e da natureza. Freud partiu da literatura grega, Winnicott de poesias de T.S. Elliot e outros.**

► **Como é então a relação da criatividade na clínica com outras formas de expressão criativa?** Para responder a esta questão teríamos que recorrer a vários trabalhos versando sobre a psicanálise na literatura, no cinema, na pintura, no teatro. A psicanálise está imersa na cultura e esta relação é profunda e permanente.

A principal diferença entre elas é que as formas de arte nada pretendem

ou, como dizem alguns, “não servem para nada”. A criatividade na clínica tem por objetivo geral ajudar o paciente a se recolocar no curso da vida (ser o que se é).

A arte sempre serviu de fonte de inspiração para a psicanálise, porque ambas partem da essência íntima do humano e da natureza. Freud partiu da literatura grega, Winnicott de poesias de T.S. Elliot e outros.

Qualquer obra de arte com alguma profundidade e valor estético pode ser observada com um olhar sensível e dela colher ensinamentos e ajuda à prática psicanalítica.

A psicanálise é uma arte aplicada à clínica. A forma de arte que mais se assemelha à psicanálise é a Literatura.

Lúcio Boechat (coordenador).



## O corpo e a ambientoterapia

O atendimento em Ambientoterapia compreende o ambiente enquanto principal fator terapêutico, sendo assim, tudo que nele está inserido torna-se instrumento técnico de intervenção. Pensando nisso, e nos aspectos do desenvolvimento emocional, da relação bebê com o seu cuidador, o corpo também é um instrumento de comunicação e de integração. Recebemos para atendimento pacientes que, por diferentes motivos, tiveram falhas iniciais importantes na sua constituição psíquica e que precisam de um resgate, ou de uma construção de um Eu. Para isso, o terapeuta precisa emprestar a sua mente e seu corpo para auxiliar no tratamento destas crianças e pré-adolescentes, visto que este representa um continente, em um ambiente confiável, previsível e afetivo.

Como disse Freud<sup>1</sup> (1923/1996) “o ego é antes de tudo um ego corporal” (p. 238), fonte dos primeiros registros que posteriormente vão adquirir sentido. Retornamos à teoria do eu-pele de Anzieu<sup>2</sup> (1985), com a qual o autor descreve um paralelo entre a pele e a formação do ego, e afirma que o psiquismo tem suas raízes no eu-pele, na relação com o outro que se disponibiliza em sua presença psíquica para este lugar.

O corpo do outro cuidador possui função de objeto-suporte, que sustenta e fornece contorno corporal. Em nosso trabalho, vemos o quanto o corpo do terapeuta de pacientes ambientoterápicos é fundamental para auxiliar na construção do psiquismo.

É no empréstimo do corpo que ajudamos os pacientes a firmar “as fronteiras entre o Eu psíquico e o Eu corporal, entre o Eu realidade e o Eu ideal entre o que depende do Self e o que depende do outro” (p. 8). Dessa forma, o corpo do terapeuta, enquanto presença, se empresta como amparo, apoio, para que possa haver uma integração. É um ‘corpo-terapêutico’ capaz de conter os pacientes em momentos de não-integração corporal, quando a palavra e o olhar não são suficientes, pois o nível em que nossos pacientes se encontram é anterior a estes. Segundo Alvarez<sup>3</sup> (2021), precisamos estar sensíveis ao encontro com nossos pacientes para entendermos em qual nível de funcionamento estamos trabalhando, para que possamos calibrar nossas intervenções. Conforme estas partes do corpo forem se integrando, a narratividade se torna uma importante ferramenta de construção de sentido, que

auxilia os pacientes a se sentirem com um corpo próprio.

É também por ações que o terapeuta serve como modelo: quando expressa em seu corpo, em gestos em movimentos faciais os afetos ali presentes e ainda não atribuídos de sentido, quando demonstra como tocar um instrumento ou cortar com uma tesoura, ou quando se empresta para ser uma continuidade daqueles pacientes que ainda não apresentam a integração do Eu. Nesta modalidade de tratamento, o corpo do terapeuta é ativo e intervém, é uma companhia viva, e o terapeuta deve colocar seu corpo a serviço do tratamento, com todo o cuidado e olhar atento necessário.

Fernanda Matte e Camila Martinez (coordenadoras); Ana Paula Krolow, Ana Paula Souza, Bárbara Schilling, Carolina Riter, Juliana Garofalo, Laura Lotti, Natália Damiani e Roberta Golbert (equipe); Ana Carolina Pechansky e Thanise Weinert (trainees).

1. Freud, S. (1996). O ego e o id. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923).  
2. Anzieu, D. (2000). O eu-pele. São Paulo: Casa do Psicólogo.  
3. Alvarez, A. (2021). O coração pensante: três níveis de terapia psicanalítica com crianças e adolescentes. São Paulo: Blucher.

## Musicalidade comunicativa e musicoterapia

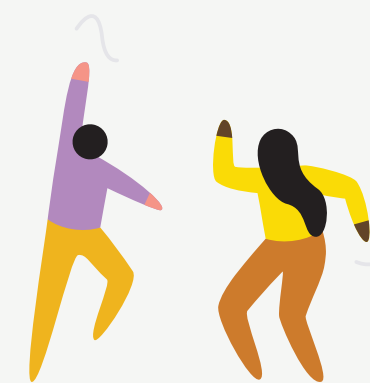
Desde muito cedo o ser humano estabelece a comunicação com seus pares através de um conjunto de elementos claramente musicais. Há uma habilidade inata e universal em nós, que se ativa a partir do nascimento, e se caracteriza pela capacidade que temos em combinar ritmo e melodia, e criar narrativas de forma coordenada com o outro. As primeiras interações entre bebês e seus cuidadores são caracterizadas por alterações de timbre, altura e contornos melódicos, em conjunto com mudanças de intensidade e padrões rítmicos muito particulares da voz e dos movimentos do corpo. Adultos em interação contingente com bebês constroem em sincronia um ritmo e melodia comunicacional muito próprio, representando uma verdadeira “música” ou “dança”, cujo significado não verbal é compartilhado.

Essa capacidade em compartilharmos impulsos, interesses, ações e significados por meio de elementos musicais foi cunhada por Stephen Malloch em 1999 como Musicalidade Comunicativa. É a musicalidade comunicativa que permite que dois indivíduos compartilhem um sentimento de simpatia e significado situado em um senso compartilhado de passagem do tempo. Assim, essa forma muito particular de comunicar e interagir é um importante fator responsável pelo desenvolvimento do indivíduo, fundamentando a intersubjetividade e servindo de modelo às relações ao longo da vida. De forma semelhante, a musicalidade comunicativa estará presente no setting terapêutico, onde muitas vezes o trabalho se dará em reestabelecer, ou até mesmo construir, um ritmo e melodia sintonizados com o paciente.

Em sessões de musicoterapia a musicalidade comunicativa é naturalmente norteadora no processo terapêutico. A música, por si só, já é capaz de proporcionar situações comunicativas que podem favorecer o desenvolvimento de uma série de habilidades, seja através de um ritmo organizador ou de melodias que dão conta da expressividade. Ainda assim, o musicoterapeuta, ao utilizar elementos da música de forma sensível e consciente, pode mobilizar e apoiar a musicalidade intrínseca do paciente, com a finalidade de estabelecer conexão, comunicação, interação e construção de vínculo. Ao ir de encontro com a musicalidade, o processo musicoterapêutico facilita o engajamento sonoro-comunicativo, espontâneo e afetivo, o que permite ao paciente vivenciar experiências criativas e desenvolver intersubjetividade, autorregulação, auto-organização e consciência de si e do outro. A musicoterapia, portanto, enfatiza o processo individualizado, criativo e integral de cada indivíduo a partir de sua própria musicalidade.

Natália Damiani, musicoterapeuta.

É a musicalidade comunicativa que permite que dois indivíduos compartilhem um sentimento de simpatia e significado situado em um senso compartilhado de passagem do tempo.



## Desafios no campo da adoção

São nas adoções bem sucedidas – no Encontro – que se entrelaçam todos os sonhos e desejos e que constituem tanto estímulos quanto constantes desafios.

No campo da adoção, os densos conteúdos de sofrimento: perdas e maus tratos sofridos pelas crianças, decepções e frustrações vividas pelos candidatos a pais adotivos, têm poderosos equivalentes na esperança: a complexa rede de cuidados – diferentes e diversas equipes técnicas nos abrigos, no Judiciário e nos setores de atendimento (entre os quais nos inserimos) que necessitam articular seus esforços e objetivos a fim de alcançar os resultados almejados.

São nas adoções bem sucedidas – no Encontro – que se entrelaçam todos os sonhos e desejos e que constituem tanto estímulos quanto constantes desafios.

Grandes esforços vêm sendo realizados, com o uso de tecnologias atuais, para aproximar a enorme lista de candidatos a pais adotivos, da menos numerosa, mas muito mais heterogênea, população de crianças e adolescentes à espera desse Encontro.

Entre tantas outras questões, vamos focar o cuidado com as “devoluções” de crianças adotadas – que parecem estar ocorrendo em correspondência às campanhas para a facilitação das adoções.

Muito temos discutido sobre as necessidades de preparo dos cuidadores: ainda que previamente selecionados, muitos candidatos se veem incentivados a modificar o perfil desejado, seja contemplando crianças e adolescentes mais velhos, seja recebendo grupos de irmãos. Acrescido a isso, percebemos uma “pressa” para que as adoções se concretizem: poucos dias separam a sinalização de interesse por parte dos cuidadores à saída das crianças e adolescentes do abrigo para o ingresso na nova família.

Parece-nos que seria somente a partir do encontro real entre a criança e os cuidadores (ainda imaginários), durante o **estágio de convivência**, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, que as diversas equipes poderiam prestar os auxílios necessários ao desejado ajustamento – entre estranhos, que se dispõem a constituir núcleos de famílias onde possam imperar, com confiança, afetos e cuidados, resultados de satisfatório desenvolvimento humano. Nossa experiência tem nos ensinado que, para que as leis não sejam só teóricas e possam exercer aquele poder para o qual foram formuladas, as exigências, além de múltiplas e constantes, dependem do acréscimo de enorme esforço – de todos os que trabalham no campo da adoção.

Norma Escosteguy e Priscilla Sternberg  
(coordenadoras).

## A (in)discriminação pais-filhos e o exercício da parentalidade

Ao pensarmos sobre o processo de tornar-se pais temos que, inevitavelmente, retornar ao passado. A pré-história de uma pessoa começa na história individual de cada um dos pais, onde o desejo de ter um filho reatualiza fantasias de sua própria infância e do tipo de cuidado parental que puderam receber. O mundo mental dos pais e suas respectivas representações e identificações realizadas na infância são fundamentais para a constituição de self do sujeito, influenciando no exercício da parentalidade. Conflitos, expectativas, traumas e outros aspectos inconscientes podem ser acionados nesta contínua interação pais-filhos.

As identificações desta interação são constituintes e necessárias para ocorrer uma discriminação entre o que é dos pais e o que é dos filhos. A excessiva projeção dos pais, de seus desejos e sentimentos, sobre os filhos, gera um prejuízo em suas capacidades de perceber estes como pessoas diferentes de si. Como consequência, os filhos sofrem subjetivamente pressões para corresponderem a tais projeções, trazendo problemas na construção de suas identidades próprias. No trabalho psicoterápico da parentalidade, procuramos “devolver” aos pais o que deles é colocado sobre os filhos, construindo uma maior

integração de suas próprias personalidades e, conseqüentemente, melhores condições mentais para exercerem sua função parental. Aos filhos, indiretamente, este processo costuma trazer alívio, permitindo mais liberdade psíquica para seguirem um desenvolvimento emocional próprio. Esta capacidade de diferenciação é, portanto, um dos eixos do nosso trabalho com pais, tão importante para constituição psíquica de outro ser humano, no caso, os filhos.

Tânia Wolff (coordenadora), Laura Wolf de Souza, Gabriela Luz, Gabriela Filipouski e Aline Bruschi.

## Comissão científica

“Por que publicar um livro depois de mais de 20 anos de sua primeira edição? A resposta que de imediato me vem à cabeça e que motivou a decisão é sua vigência clínico-teórica no cenário psicanalítico atual.” (Tanis, 2021, p. 11). Assim Bernardo Tanis, psicanalista da SBPSP, introduz seu livro *O Infantil na Psicanálise*<sup>1</sup>, ressaltando a importância de pensarmos sobre as temáticas sobre as quais estuda: situações de adoecimentos emocionais complexos e profundos, que envolvem agonias primitivas e severos traumas e falhas iniciais.

Percebendo um grande interesse por parte da comunidade psicanalítica, sobretudo dos ceapianos, nestes assuntos, foi que se deu a ideia do convite da Comissão Científica a Bernardo para estar conosco como convidado especial da XLII Jornada Anual do CEAPIA. A expectativa é de que Bernardo possa compartilhar a riqueza de sua experiência teórica e clínica sobre estes temas.

Bernardo escreve de forma clara sobre temas como as patologias dos traumas narcísico-identitários, sobre a dificuldade em simbolizá-los, bem como sobre con-

ceitos atuais de memória e temporalidade. Para tanto, apoia-se em referências clássicas, partindo de Freud, Klein, Bion, Winnicott e Laplanche, até autores mais contemporâneos, como Green, Faimberg, Jacques André, Bleichmar e Roussillon.

O autor nos apresenta reflexões primorosas sobre as bases e os fundamentos de uma teoria geral da prática clínica. Mostra que é preciso criar pontes entre experiência vivenciada nos consultórios e a teoria, sem que caiamos em uma idealização dos escritos, nem tampouco descartemos as leituras que temos disponíveis. Bernardo irá nos brindar com ideias e conceitos importantes que seguramente nos ajudarão a repensar a técnica e a postura do clínico, o qual precisa funcionar de modo maleável nesses casos tão graves, como nas mencionadas patologias dos traumas narcísico-identitários.

Vanessa Giaretta, Fernanda Porto (diretoras), Alberto Kerber, Ana Carolina Pechansky, Fernanda Halpern, Julia Foster e Maria Luiza Piccinini.

1. Tanis, B. (2021). *O infantil na psicanálise: memória e temporalidades* (2 ed. 228 p.). São Paulo: Blucher. (original publicado em 1995).



## Entrevista

Partindo de uma análise cultural, Bernardo Tanis fala sobre a subjetividade na pós-modernidade. Leia a entrevista completa na XX Revista de Psicoterapia do CEAPIA.

O encontro de Bernardo Tanis com a psicanálise se deu de forma um pouco inusitada. Saindo de uma formação científica *stricto sensu*, nosso convidado ingressou no campo da Psicologia após concluir uma graduação em Química. Logo após, iniciou sua trajetória de formação na Psicanálise fazendo sua primeira formação no Instituto Sedes Sapientiae, e pós-graduação na PUC-SP, no Núcleo de Psicanálise. Seu mestrado, envolvendo o tema do Infantil e a experiência da psicanálise com crianças, foi publicado na forma de um livro, recentemente relançado em nova edição pela editora Blucher (*O Infantil na Psicanálise: Memória e Temporalidades*). Seu doutorado foi realizado a partir da psicanálise da cultura, com o estudo das formas de solidão em diferentes quadros clínicos de acordo com a literatura da virada dos séculos XIX e XX, a qual evidencia a crise do ego e o surgimento da solidão como tema. Tanis constata que a análise nesse momento é influenciada pelo período moderno, momento histórico diferente ao de hoje.

Metodologicamente, Bernardo prefere trabalhar por temas, em vez de debruçar-se sobre um único autor, compreendendo como diferentes pensadores veem o mesmo assunto. Assim, Tanis aproxima-se de René Roussillon, primeiramente, pela sua forma de trabalho ao olhar as configurações clínicas pelo diálogo com diferentes autores.

A seguir, apresentamos um trecho da entrevista com o convidado da Jornada Anual. A entrevista de Bernardo Tanis na íntegra estará na XX Revista de Psicoterapia do CEAPIA.

**Inta Muller:** Como podemos entender a questão pós-moderna e a subjetividade hoje? Como isso se relaciona com os transtornos narcísico-identitários?

**Bernardo Tanis:** Vamos falar primeiro das mudanças culturais e depois do transtorno. O que são essas mudanças culturais? O primeiro que falou com muita pertinência da subjetividade, de como a subjetividade é marcada pela dimensão de época foi o Foucault, e isso nos anos 1960. Então, vamos dizer que a subjetividade de uma determinada época, que é como a gente vive na cultura, como se instauram valores, valores de patriarcado, valores de uma sociedade que tem mais ou menos controle, né? De uma sociedade que contempla mais hierarquia ou mais horizontalidade, né? De uma sociedade que oferece mais amparo ou mais desamparo para os indivíduos, né? Esses parâmetros não são absolutos. O que as pessoas que estudaram a subjetividade vão nos mostrando é que esses parâmetros se transformam. Modos de produção diferentes, formas das pessoas lidarem com o trabalho diferentes, e um imaginário que começa a se criar em torno dessas formas, né?

**A modernidade introduz uma dimensão da autonomia do homem. Não dependemos do outro, dependemos do que nós, indivíduos, podemos fazer. Essa promessa da modernidade começa a entrar em crise no fim do século XIX, início do XX. Não se sustenta mais.**



Por que não se sustenta? Freud dá uma dimensão dessa não sustentação. Ele cria um conceito e reconhece uma dimensão da pulsão de morte. De alguma coisa que é muito difícil de dominar na destrutividade humana. Isso na psicanálise. Mas no mundo, no mundo ocidental principalmente, quer dizer, a racionalidade, a fim da razão, ela é arrasada quando tem a 1ª Guerra Mundial, né? Quando morrem milhões de pessoas numa brutalidade terrível. Depois, a 2ª Guerra Mundial. Quando começamos a perceber que esse mundo da racionalidade, da fé na razão, do acordo entre os homens, das grandes narrativas passa a não se sustentar mais. Então começam a surgir modelos de pensar este novo mundo, como ele começa a se organizar, né? Começa a se organizar em núcleos mais isolados, e não há uma versão que possa dar conta da subjetividade humana e do mundo em que vivemos.

Diferentes autores deram diferentes nomes para esse momento que, há uns 20, 30 anos, ou 40, entramos nessa pós-modernidade numa era de globalização, numa era onde as diferenças nacionais tendem a desaparecer, e vamos criar uma grande comunidade. Mas o que aconteceu é que muitas das promessas desse novo mundo não se cumpriram. Quer dizer, todo esse universo entrou em ruínas. Então a pessoa trabalha um ano, sem vínculo, muda para outro lugar, as relações afetivas e os vínculos, como Bauman tematizou muito bem, ficaram relações líquidas, né? Ao mesmo tempo que ganhou-se liberdade, com os anticoncepcionais, liberdade para os direitos da mulher, né, questões de gênero. Mas os vínculos também começaram a se esgarçar. E ficam as perguntas: o que sustenta hoje o laço social? A pergunta é: qual é a moral? Qual o modelo do superego? Qual é o modelo dos ideais hoje? E isso é uma coisa que a gente vê acontecendo em crise. Então, não tem como pensar que a subjetividade do nosso tempo não vai marcar os sujeitos individuais. É inexorável que marque. E com todos os estudos que temos sobre as relações mãe-bebê em psicanálise, na psicologia. Quer dizer, esses primeiros vínculos evidentemente se dão entre um adulto, que cuida da criança, e um bebê. Mas esse adulto que cuida da criança, ele é marcado por esse contexto social. Ele é marcado por essas ideologias. Não é a mesma coisa uma mãe no século XIX que uma mãe no século XXI, né? O que nos faz pensar que os processos não são universais, eternos, idênticos. Há que construir um universo simbólico. Há que construir, sim, uma questão de valores, uma representação de si mesmo, né? Barreiras. Mas é dentro da cultura que estamos vivendo.

**Então, por isso que de alguma forma, de uns 40, 50 anos para aqui, começou a se falar em novas patologias que, de alguma forma, obedeceriam a de *tamis* da nova cultura emergente. Ou seja, a estrutura neurótica daria mais espaço às estruturas não neuróticas, às compulsões, às adições, às personalidades *borderline*.**

Acho que há um trabalho complexo a ser feito pelos analistas, né? Nós temos que estudar na clínica como se dá esse cruzamento entre a subjetividade social e as modificações da cultura, e como se dá a intersecção disso com a constituição do sujeito individual.

## Uma breve visão de casos graves

### CORPO CLÍNICO

**A escuta da escuta requer um trabalho psíquico árduo, que pressupõe a capacidade do terapeuta em perceber, conter e metabolizar seus conteúdos internos no encontro com o paciente. Envolve uma posição receptiva, e de sintonizar emocionalmente às dores daquele que busca ajuda com si mesmo.**

No Corpo Clínico do CEAPIA, a demanda é de casos extremamente graves: de crianças e adolescentes em situações de extrema vulnerabilidade psíquica, física e social, que vivem e/ou sobrevivem em ambientes tóxicos, os quais produzem danos severos no seu desenvolvimento e psiquismo. São pacientes e famílias que necessitam de “contornos”, de modelos de relações contínuas, não “radioativos”.

Por radioativos entendemos, à luz da psicanalista Yolanda Gampbel, traumas em gerações anteriores que acabam desencadeando sintomas, aparentemente sem conexão, naquelas subsequentes. A autora desenvolve este conceito ao analisar filhos de sobreviventes do Holocausto, e de outros traumas, alertando sobre a repetição silenciosa e nociva da “radioatividade” que afeta gerações, havendo a transmissão psíquica do traumático. A maioria dos nossos pacientes estão impregnados pela radioatividade de seu entorno: de pais, avós, situações abusivas e desamparo. São guerras, por vezes solitárias, que cada paciente trava, comumente por meio de sintomas somáticos e disruptivos. Nestes casos as atuações são intensas e as comunicações ao terapeuta se dão num nível primitivo onde a escuta da escuta é fundamental para a sobrevivência psíquica.

Conceitos que falam sobre relação do bebê/criança/adolescente com um ambiente intoxicante nos auxiliaram a compreender características importantes dos nossos pacientes. Ana Cláudia Meira, psicanalista gaúcha, fala sobre mães de captura ao tratar especificamente da relação de mães com suas filhas mulheres. Estas mantêm suas filhas prisioneiras em seu narcisismo, ecoando apenas o desejo materno sem um senso de eu. São esses casos, em que ocorre uma inversão na relação entre o bebê e a mãe, que frequentemente acompanhamos no setor. Pacientes que não se sentem existindo, que são descritos como casos “limite”, com falhas narcísicas significativas.

Neste cenário nossa “valente” equipe se utilizando de ferramentas analíticas, principalmente como transferência e contratransferência, busca alguma reestruturação psíquica nos pacientes de acordo com a realidade.

*Luciana Gouvêa Oliveira e Luciana Grillo (coordenadoras).*



## A psiquiatria e a serotonina

Nas últimas semanas, manchetes têm chamado a atenção de profissionais da saúde relacionadas a um estudo publicado por um grupo de ingleses. E, como de praxe na internet, se lê de tudo: a farsa da psiquiatria, o fim da psiquiatria, o fim dos antidepressivos, a conspiração farmacêutica, “eu avisei” e “deixa disso”. Mas o que realmente foi este estudo?

Uma revisão sistemática, publicada na revista *Molecular Psychiatry*, no dia 20 de julho deste ano (2022), que se propôs a revisar extensivamente as evidências científicas disponíveis e estudos científicos disponíveis relacionados a teoria de que a causa da depressão seria baixos níveis de serotonina no cérebro. A ideia geral que se tinha era de que a depressão era um desequilíbrio químico. Esta teoria, que acompanha a psiquiatria há muitos anos, embasou muitos clí-

nicos a prescreverem antidepressivos e influenciou pacientes a seguirem tomando suas medicações. Uma preocupação dos pesquisadores é de que este achado desencoraje pacientes a seguirem tomando antidepressivos. Apesar do estudo não mostrar correlação entre baixos níveis de serotonina e depressão, ele não nega a eficácia dos antidepressivos, que têm resultados consolidados por muitos outros estudos. Uma comparação que tem sido usada, apesar de grosseira, é: apesar da febre melhorar com comprimidos de dipirona, não se pode inferir que a febre é uma deficiência de dipirona. A mesma lógica se aplica a hipertensão arterial sistêmica: os anti-hipertensivos de fato normalizam os níveis pressóricos, mas sem uma alteração no estilo de vida, alimentação, perda ponderal e outras mudanças; o anti-hipertensivo dificilmente será desprescrito.

Para sermos justos com os antidepressivos, com a ciência e com nossos pacientes, podemos afirmar: ainda não sabemos a causa da depressão, mas estas medicações podem ajudar a aliviar os sintomas. O estudo pode e deve ser entendido como um alerta: ainda há muito o que estudar e a psicofarmacologia não é a única solução para este problema. Devemos estimular todas as outras intervenções disponíveis, como atividade física e práticas psicoterápicas. Qualquer profissional de saúde mental sério entende que as causas são multifatoriais, complexas e estamos longe de conhecê-las. O privilégio que tenho de ter todos os pacientes em psicoterapia no CEAPIA é enorme e me tranquiliza: ainda não sabemos a causa, mas estamos juntos.

*João Guilherme Jordani, psiquiatra.*



## O impacto da pandemia na aprendizagem e o atendimento psicopedagógico

A alta demanda presente nos consultórios psicopedagógicos no momento, com queixas de letramento incompleto, suspeitas de dislexia, déficit de atenção e TEA, nos instiga a questionar quais as consequências que a pandemia pode ter deixado na aprendizagem de inúmeras crianças e adolescentes. E, a partir daí, a encontrar abordagens que possam ser efetivas para sanar os danos deixados pelo período de escolas fechadas e ensino remoto.

O período de isolamento produziu novas formas de viver e aprender. Ainda há poucos dados sobre os efeitos dos dois anos de pandemia na aprendizagem, mas pesquisas recentes indicam déficits importantes na aprendizagem, principalmente nos primeiros anos escolares.

Interação social limitada, muito tempo de tela, falta de vivência em sala de aula e modelagem a partir dos

pares são alguns fatores que impactaram o desenvolvimento de muitas crianças. Adicionalmente, a pandemia trouxe medo, incidindo sobre o aumento de casos de depressão e ansiedade.

Compreender esse cenário e a repercussão na aprendizagem é fundamental para construirmos estratégias de intervenções psicopedagógicas a fim de solucionar ou minimizar os danos ou defasagens deixadas pela pandemia. E, o olhar atento dos pais e professoras, que identificam obstáculos no aprender, crianças e adolescentes com dificuldades específicas da aprendizagem chegam ao atendimento psicopedagógico e, assim, se constrói uma rede para recompor e recuperar aprendizagens.

*Kátia Mantovani (coordenadora) e Letícia Zavaschi.*



## Triagem

Neste semestre o Setor de Triagem ampliou os horários presenciais e retomou a modalidade de atendimento em coterapia. Percebemos um aumento significativo na procura por atendimento, assim como observamos que o perfil de pacientes e famílias que buscam a Instituição se mostram cada vez mais graves, com falhas precoces e urgência em receber auxílio. Além disso, a busca se intensificou com queixas de aprendizagem, o que acreditamos ter relação com o impacto da pandemia e do ensino online.

Buscando estar lado a lado com os terapeutas na compreensão de pacientes que apresentam inúmeros desafios quanto ao lugar de escuta e aos limites do enquadre padrão, uma ferramenta que pensamos ser de extrema relevância nesse processo são os pareceres de triagens. O setor vem encaminhando o material cada vez mais completo com nos-

sas percepções e avaliações dos pacientes, visando auxiliar e facilitar o encontro da dupla terapêutica.

Ao longo das mais de 100 triagens que realizamos no primeiro semestre, encontramos pacientes que muitas vezes se comunicavam através do silêncio e da agressividade. Bernardo Tanis, nosso convidado da jornada, refere que estes sujeitos trazem consigo os efeitos de experiências traumáticas precoces, estados de desespero que colocam em ameaça o sentido de sua própria identidade. O nosso trabalho na triagem traz esperança, dá contorno e nomeia vivências que precisam de simbolização e representação. O acolhimento, empatia, escuta singular e encaminhamento à família e ao paciente são partes importantes nesse processo de descoberta de quem se é.

*Fernanda Amorim e Daniela Lajus (coordenadoras),  
Juliana Santos, Julia Foster e Mariana Santin.*



## Núcleo de estudantes

Como já dizia Saramago, somos todos escritores, só que alguns escrevem e outros não. Temos, portanto, muitas histórias para contar e a Psicologia nos possibilita, permanentemente, um exercício narrativo que se dá nos encontros terapeuta-paciente, nos grupos de Ambientoterapia, nas supervisões, na construção de produções teórico-clínicas, dentre tantas outras possibilidades com as quais nos deparamos desde a faculdade.

O Núcleo de Estudantes é um espaço 'potencial' destinado a estudantes de graduação do curso de Psicologia que estão realizando

ou já concluíram estágio no Ceapia. Atualmente, em torno de 20 estudantes reúnem-se mensalmente para pensar possibilidades de participação em eventos científicos e pesquisas, sugerir grupos de estudo de seu interesse e organizar a Jornada Interna dos Estagiários. Esta, em um modelo análogo ao da Jornada dos Alunos, constitui-se como um importante espaço de trocas, em que produções teórico-clínicas são apresentadas, comentadas e, aquela considerada destaque, premiada.

Assim, considerando que o principal objetivo do Núcleo é valorizar o vínculo do estudante com o

Ceapia, através do investimento qualificado e afetivo no campo teórico/técnico/clínico, temos no convite à escrita uma excelente oportunidade para que eles se experimentem também neste lugar de quem pode efetivamente compartilhar seu percurso e as reflexões suscitadas a partir da prática. Refletir, integrar e produzir um ensaio: ser autor e ser escritor, possibilitando trocas e reflexões em momentos ricos de crescimento para todos os envolvidos.

*Priscilla Sternberg e Juliana Santos (coordenadoras).*

## Psicodiagnóstico

O Setor de Avaliação Psicológica do CEAPIA existe desde 2000 e vem crescendo gradualmente, tanto em quantidade de volume atendido, quanto em atualização e qualificação promovidos por seus integrantes. Cabe ressaltar que, desde a sua fundação até o mês de março deste ano, foi coordenado pela colega Paula Pecis, a quem temos muito a agradecer pela dedicação e incentivo de ações que contribuíram para o seu desenvolvimento.

Destacamos o aspecto fundamental do trabalho em equipe no setor, uma vez que as respostas às perguntas de cada caso, necessitam de muitos olhares e, ao mesmo tempo, uma visão integrada do todo. Nesse sentido, exercitamos o entendimento psicodinâmico do paciente por meio de variadas informações que permitem conhecer as influências do seu funcionamento atual. Na conclusão da avaliação costuma-se propor as melhores indicações terapêuticas para cada caso, e estas podem incluir áreas multiprofissionais.

Noronha (2022)<sup>1</sup> refere que "a avaliação psicológica é a apresentação descritiva de fenômenos psicológicos inter-relacionados, incluindo as determinações históricas, sociais, políticas, culturais do indivíduo ou grupo. A função máxima dela é descrever uma história". Além disso, diante da complexidade do desenvolvimento humano, a Neuropsicologia veio ampliar nosso campo de visão, contribuindo para um entendimento mais especializado, tratando-se, resumidamente, do estudo das relações cérebro-comportamento (Camargo, Bolonani & Zuccolo 2014)<sup>2</sup>.

Por fim, nosso colega Alberto Kerber<sup>3</sup>, em sua escrita sobre testes psicológicos e psicanálise, refere a importância de uma atitude empática do avaliador ao se relacionar com os dados dos testes, referindo ser um processo ao mesmo tempo sensível e técnico. Ao trabalharmos com desenvolvimento humano é importante refletirmos sobre a evolução dos quadros clínicos e suas diversas formas de manifestação em fases diferentes da vida. Dessa forma, entende-se que a avaliação psicológica deve promover uma contribuição terapêutica para o sujeito do caso, além de apontar respostas às principais questões levantadas na demanda.

*Viviane Silveira (coordenadora), Paula Pecis, Cristiane Feil, Milene Merg, Cíntia Berriel, Patricia Sanberg, Fabíola Alba, Júlia Raskin, Mariana Santin, Henrique Asti, Alberto Kerber, Viviane Valmorbida e Grasiela Cecatto.*

1. Noronha, Ana Paula. (2022) O que temos a dizer sobre a avaliação psicológica Brasileira? In: *Dicionário de Avaliação Psicológica*. São Paulo: Vetor Editora.  
2. Camargo C., Bolonani S., Zuccolo P. (2014). O exame neuropsicológico e os diferentes contextos de aplicação. In: *Neuropsicologia teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed.  
3. Kerber A. (2022) *Teste de Rorschach e psicanálise: Representação de objeto e Organização da Personalidade*.

O Setor de Avaliação Psicológica do CEAPIA existe desde 2000 e vem crescendo gradualmente, tanto em quantidade de volume atendido, quanto em atualização e qualificação promovidos por seus integrantes.



## Intervenções precoces

**Constatamos, nos últimos dois anos, um aumento significativo, como jamais ocorrera antes, na procura de atendimento psicoterápico para os bebês e crianças pequenas. O que nos fez pensar e refletir: o que poderia ter contribuído para este fato?**

Pensamos que o período inicial da pandemia de Covid-19 mudou completamente a dinâmica e rotina das famílias e limitou a convivência social. O simples fato de não poder contar com a rede de apoio como anteriormente e não frequentar a escola de educação infantil causaram impacto emocional importante no desenvolvimento e nas interações das famílias.

O olhar e percepção dos pais sobre seus filhos mudou. A convivência diária de todos por um período de tempo maior, assim como aproximou, fez também com que pais, mães e filhos se deparassem com dificuldades que antes não eram evidentes ou nem existiam e até mesmo não eram vistas.

Em razão disso, vimos mudanças nas queixas do que traziam as famílias até nós. Observamos que o trabalho seria mais amplo que focar apenas na questão da interação pais/filhos, mas que seria importante ampliar nosso olhar para a compreensão das famílias com crianças pequenas.

Com esta nova demanda e visando qualificar nossa prática clínica, organizamos junto com as terapeutas de família, Adriana Ribas e Rosa Lúcia Severino, um ciclo de quatro seminários para as integrantes do nosso Setor. Foi uma oportunidade rica de aprendizado teórico e discussão clínica. Tivemos a oportunidade de estudar sobre as novas configurações familiares, luto na família, segredos familiares e transgeracionalidade.

Contamos também com a colaboração do Setor de Avaliação para possíveis diagnósticos do Transtorno do Espectro Autista. Pode-se pensar sobre o tempo que os bebês ficaram em casa sem a convivência de outras crianças e a importância das relações para o desenvolvimento infantil.

*Daniela Raskin e Desirée Trois (coordenadoras); Daniela Cansi, Fabíola Alba, Gabriela Filipouski, Júlia Jaskulski, Maria Rita Beltrão, Manoela Barleze, Milene Merg (equipe) e Maria Luíza Piccinini (aluna ouvinte).*



## CEAPIA Social

“Eu escuto a vida como ela é. Escuto interessantemente como estão misturados o horror e o belo e como se a gente aguentar o horror, o belo surge. Essas pessoas geralmente nunca tiveram quem as escutasse de verdade e nunca tiveram, pela urgência social terrível que viveram, alguém que as olhasse de verdade. Quando a pessoa percebe que está sendo verdadeiramente escutada ela fala, fala daquilo que nunca falou, fala verdadeiramente da sua vida e é aí que surge alguma coisa”

Esta fala é do psicanalista Jorge Broide, que aponta a necessidade urgente de a psicanálise ir muito além do consultório. Nos mostra a necessidade de nos desacomodarmos com o outro que se encontra num estado completamente diferente do nosso e dos que vêm até nós. De exercitar a escuta do inconsciente nas mais diversas situações sociais.

Dentro de uma comunidade o setting é outro. O cheiro e a temperatura são fortes, intensos e diversos. As

pessoas são marcadas pela ausência de olhar e desejo. Escutar essas pessoas nestes cenários é proporcionar uma existência para o outro, num contexto que o outro se sente invisível perante uma sociedade excludente.

O CEAPIA Social se propõe a levar a escuta psicanalítica para além da nossa Instituição, buscando assim proporcionar momentos de escuta, cuidado, trocas e afeto. Os resultados são emocionantes. Num primeiro momento o silêncio e constrangimento de pessoas que não estão acostumadas a falar, se escutar, muito menos a serem escutadas. Aos poucos esse silêncio começa a ser preenchido por histórias difíceis, mas reais que precisam ser escutadas, para poderem existir. Estas vivências inauguram novas possibilidades dentro das comunidades que são levadas para além dos nossos encontros.

*Fernanda Amorim e Luísa Steiger (coordenadoras do CEAPIA Social).*



## Você sabia?

### COMISSÃO DE PESQUISA

**Neste ano, como Comissão de Pesquisa do CEAPIA, estamos nos propondo a iniciar um estudo sobre questões raciais e suas repercussões dentro da nossa instituição.**

Em uma pesquisa realizada entre os meses de junho e julho com os membros do CEAPIA, 84% dos participantes afirmaram ter vivenciado situações na clínica em que a temática racial apareceu no material dos pacientes. Além disso, 93% percebeu mudanças na prática clínica ao estudar questões raciais, a ampliação da escuta, com maior atenção para este tema e também maior compreensão da interferência de aspectos sociais nas experiências dos pacientes.

Um instrumento valiosíssimo para esta ampliação da escuta é o *letramento racial*, conceito formulado pela antropóloga afro-americana France Winddance Twine (2006) e traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman (2012). O letramento pode ser compreendido como a reeducação de cada um a

partir de uma perspectiva antirracista, uma forma de responder às tensões raciais para além das ações coletivas, como por exemplo ações afirmativas ou reparatórias e políticas públicas. É a inserção em uma cultura letrada sobre raça que leva em conta, além da apropriação teórica, a dimensão das vivências, interações sociais e do contexto cultural onde está inserido cada sujeito. Acreditamos que nos propormos a isso é imprescindível para abarcarmos a escuta do racismo, da negritude e da branquitude, para que assim seja possível nos racializarmos, nos depararmos com nossos próprios privilégios e nos implicarmos como terapeutas e como cidadãos.

*Luciane David, Helena Riter (diretoras), Carlos Eduardo Xavier, Luísa Mello e Roberta Golbert.*

## Estágio

No primeiro semestre de 2022 aconteceu o grupo de estudos que utilizou o livro da autora Marion Minerbo: *Transferência e contratransferência como fio condutor para suas discussões*. O grupo formado pelos estagiários e ex-estagiários vinculados ao núcleo de estudantes do setor de estágio do CEAPIA, focou-se no livro que faz um resumo sobre os temas, ou como Marion descreve, uma “breve história comentada dos conceitos”, iniciando por Freud e finalizando com autores contempo-

râneos. A autora destaca a importância de transitarmos pelas teorias construídas pelos autores conforme as situações clínicas se apresentam.

Marion traz uma diferenciação entre as transferências neuróticas e não-neuróticas e depois situações clínicas comentadas que foram estudadas como uma forma de desenvolver o pensamento analítico sobre os temas. O grupo de estudos pode ser um espaço rico no desen-

volvimento de um pensar psicanalítico, auxiliando na construção da prática clínica que se inicia através da experiência de estágio.

*Fernanda Porto e Ana Paula Ruga (coordenadoras).*

## Comunidade

No dia 30/04/22, no Encontro com a Comunidade, contamos com a presença da Sylvia Nabinger e da Paula Kern Milagre abordando o tema “Emmi Pikler e o desenvolvimento infantil”. As convidadas puderam falar sobre a importância dos momentos de atividades livres para as crianças em que elas fazem descobertas sem a interferência dos adultos. Experiências que geram um prazer narcísico e um senso de competência para o bebê.

Dentre os temas abordados, fez-se um vínculo com crianças abrigadas e em creches e os cuidados despendidos nestes locais. Foi referido o livro “Cultivar cuidados: orientações para cuidar de

bebês em situação de acolhimento” escrito por Jacqueline Müllich Fensterseifer em que a autora salienta os momentos de cuidados fundamentais, que Sylvia e Paula descreveram como a base da organização psíquica do bebê: higiene (banho, troca de fraldas), sono e alimentação.

O encontro foi uma manhã rica de trocas. Os participantes foram convocados a repensarem a importância da prática daqueles que trabalham com os cuidados da infância.

*Fernanda Porto e Fernanda Matte (coordenadoras).*

## Um encontro transforma(dor): narrar, compartilhar e elaborar

TRABALHO DESTAQUE

Recebi com enorme alegria o convite da Comissão do Boletim para compartilhar um pouco de como foi o processo de criação e elaboração do trabalho que me rendeu o prêmio anual de Trabalho Destaque. Acredito que o início da escrita se deu através de um processo de elaboração interna a partir da minha vivência pessoal em análise e da minha experiência como terapeuta, a qual passei a viver mais intensamente quando ingressei no Curso de formação do CEAPIA. Desde a minha primeira leitura do livro *Kafka e a boneca viajante*, um ano antes de pensar em escrever este trabalho, me encantei com a beleza e profundidade da narrativa, que apresenta um encontro potencialmente transformador

e elaborativo de um escritor e uma menina que havia perdido a sua boneca. Com sensibilidade e criatividade, o escritor reconhece e acolhe a dor de Elsi e oferece o seu coração e a sua mente como continente para as angústias inerentes ao processo de amadurecimento emocional, que pressupõe a perda da onipotência infantil e o reconhecimento da alteridade. Juntos, Kafka e Elsi constroem pontes para atravessar e suportar as separações da vida com vitalidade e esperança, podendo confiar e ver beleza na passagem do tempo.

*Eduarda Berao Pires Pereira, aluna do curso do CEAPIA.*

## Crises de desenvolvimento e recursos familiares

Quando falamos sobre crises de desenvolvimento, estamos nos referindo a períodos de transições que ocorrem diante do crescimento dos filhos. São passos evolutivos que demandam mudanças e requerem flexibilidade dos pais para revisar regras implícitas ou explícitas para a organização familiar.

Muitas famílias têm competências que favorecem as mudanças, e no enfrentamento de uma crise, observa-se um fortalecimento. Estamos nos referindo a famílias nas quais pode observar-se uma nítida separação entre

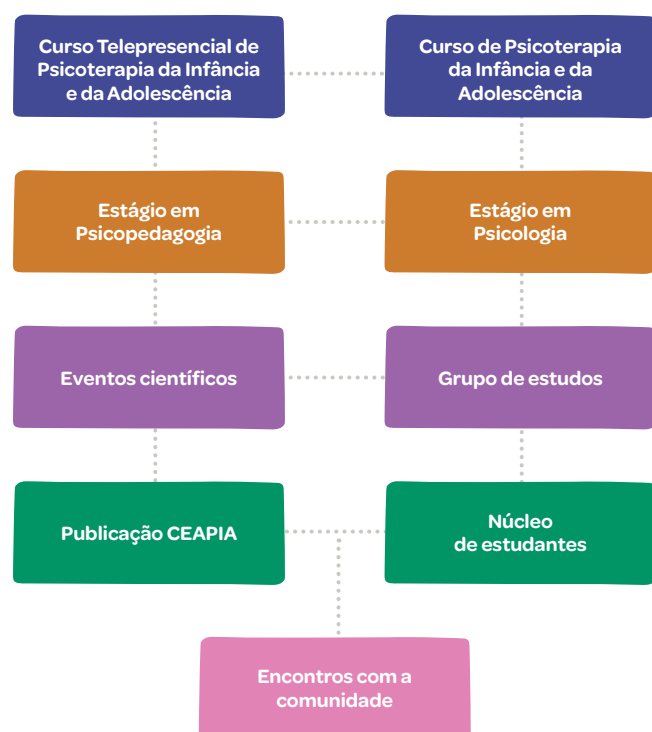
as gerações, onde fica claro que pais e filhos não são iguais em termos de autoridade e responsabilidade.

Muitas vezes, por diversos fatores internos ou externos à família, esta perde, transitoriamente, seus recursos de administrar e resolver os problemas, sendo uma das funções do terapeuta auxiliar na recuperação destas habilidades.

*Rosa Lúcia Sanseverino e Déborah Gurgel (coordenadoras).*



## Serviços de ensino e de formação profissional do CEAPIA



## Serviços de atendimento do CEAPIA



## Programação

### XLII Jornada do CEAPIA

#### “A Clínica do Trauma Narcísico-Identitário: caminhos da simbolização”

Convidado: Bernardo Tanis (SBPSP)\*  
Dias 28 e 29 de outubro de 2022

\* O convidado participará da mesa de forma on-line.

COMISSÃO ORGANIZADORA DA JORNADA

Diretora científica: Vanessa Giaretta  
Codiretora científica: Fernanda Porto  
Comissão científica: Alberto Kerber, Ana Carolina Pechansky, Fernanda Halpern, Julia Foster e Maria Luíza Piccinini

#### SEXTA-FEIRA 28/10/22

##### 14h30 às 16h30

Apresentação de Temas Livres (on-line)

##### 17h15min

Abertura da Jornada: Anelise Mariath Rechia (Presidente) e Vanessa Giaretta (Diretora Científica)

##### 17h40 min

Apresentação do Grupo Vocal do CEAPIA

##### 18h às 19h30

Mesa 1: “A Constituição do Eu”

Convidada: Luciane Falcão (CEAPIA/SPPA) e Astrid Elizabeth Muller Ribeiro (SBPdePA)

Coordenador de mesa: Viviane Amaro da Silveira (CEAPIA)

[30 minutos – coffee break]

##### 20h às 21h30 min

Conferência Bernardo Tanis: “René Roussillon: do trauma narcísico identitário à simbolização primária”

Coordenador da mesa: Cibele Formel Couto (CEAPIA/SBPdePA)

#### SÁBADO 29/10/2021

##### 8h30 às 10h

Discussão de caso com o convidado Bernardo Tanis  
Coordenador de mesa: Lisiane Milman Cervo (CEAPIA/SBPdePA)

[Atividade restrita aos sócios do CEAPIA]

[30 minutos – coffee break]

##### 10h30 às 12h

Mesa 2: “A técnica com crianças e adolescentes: considerações sobre as funções do objeto no enquadre”

Convidadas: Marli Bergel (SPPA) e Ane Marlise Port Rodrigues (SBPdePA)

Coordenador da mesa: Luciana Wagner Grillo (CEAPIA)

[12h às 14h - almoço]

##### 14h às 15h30min

Mesa 3: “Infância, Raça e Identidade: construções de si”

Convidados: Tatiane Rodrigues Zaram Alcântara (participará da mesa de forma on-line) (IBPC/Instituto Gerar) e Augusto Maschke Paim (CEPdePA)

Coordenador da mesa: Luciane David (Diretora do Setor de Pesquisa do CEAPIA)

[Intervalo 15 min]

##### 15h45 às 17h15

Mesa 4: Bernardo Tanis: “Do Fort Da (1920) ao Fornite (2022): o brincar estruturante e os jogos eletrônicos”

Comentarista: Ruggero Levy (CEAPIA/SPPA)

Coordenador de mesa: Cátia Olivier Mello (CEAPIA/SPPA)

##### 17h15

Encerramento da Jornada e divulgação do prêmio Temas Livres: Vanessa Giaretta (Diretora Científica do CEAPIA) e Fernanda Porto (Codiretora Científica do CEAPIA)



Rua Cel. Bordini, 434  
Porto Alegre, RS

51 3343 6490  
51 3342 7974

ceapia.com.br  
ceapia@ceapia.com.br